

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
CURSO DE TEATRO-LICENCIATURA**



Trabalho Acadêmico

O GRIÔ COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA TEATRAL

N a i l ê S i l v a M a c h a d o

Pelotas, 2013

O GRIÔ COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA TEATRAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Pelotas para aprovação no
Curso de Graduação em Teatro-Licenciatura, sob
orientação da Professora Marina de Oliveira.

PELOTAS

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me dar forças para superar meus obstáculos.

À minha avó, Carola, que me criou e me orientou nos primeiros passos de minha vida. Aos meus irmãos, por sempre terem me incentivado, aos sobrinhos que sempre me motivaram, mesmo quando cansada pensava em desistir.

À dona Sirley Amaro, que me abriu as portas de seu mundo, transmitindo-me sua sabedoria griô.

Em especial, à minha orientadora Marina de Oliveira, agradeço pela orientação, profissionalismo, dedicação e amizade.

E agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Muito obrigada!

RESUMO

MACHADO, Nailê Silva. **O Griô como ferramenta pedagógica teatral**. Pelotas, 2013. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Teatro – Licenciatura. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.

No presente trabalho, descreve-se a história do griô, em especial o griô da dona Sirley, que conta a história “Girafa da Cerquinha”, buscando entender como é feita a interação entre o teatro e essa forma de cultura.

Além disso, busca-se verificar se as técnicas teatrais utilizadas no griô da dona Sirley podem funcionar como ferramenta de ensino, visto que tanto o teatro quanto o griô se aproximam no momento em que integram técnicas corporais, música e dança na criação de encenações/dramatizações de cunho pedagógico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. GRIÔ	
2.1 Significado e origem.....	08
2.2 Ação Griô Nacional.....	11
3. O GRIÔ DE DONA SIRLEY	
3.1 A Vida de dona Sirley na Ação Griô.....	12
3.2 Construindo o conto: A Girafa foliona conta uma história para a gurizada.....	19
4. O GRIÔ COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA TEATRAL	
4.1 Pedagogia Griô.....	24
5. CONCLUSÃO.....	29
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
7. ANEXOS.....	32

1. INTRODUÇÃO

A importância desse trabalho deve ser entendida como parte importante do resgate e valorização do povo afro-brasileiro.

Neste contexto procurei inserir e fundamentar o presente estudo nas ações desenvolvidas pela griô dona Sirley que usa a pedagogia teatral para dar voz à Ação Griô em Pelotas. A ancestralidade e a sabedoria popular, representada pelo ato de contar histórias, são os fios condutores desta pesquisa, que tem como propósito colaborar para mudar o quadro social brasileiro, dando maior visibilidade à cultura afro-brasileira.

Movida por um sentimento pessoal e de muita paixão, uni-me ao teatro para falar da luta pelo resgate e valorização da cultura afro-brasileira através da expressão e representação corporal com foco na Ação Griô, que traduz a experiência e representa a memória viva da tradição oral transmitida por dona Sirley.

Sabe-se que técnicas teatrais, por meio de diferentes métodos, auxiliam na construção de formas próprias de contar histórias. Esses modos específicos de contar promovem também interpretações específicas, que estão de acordo com objetivos planejados. Desse modo, considera-se que o uso direcionado de técnicas teatrais pode ser um eficaz instrumento de conscientização, auxiliando na promoção de uma cultura de resistência.

O processo de ensino/aprendizagem possui um caráter dinâmico de construção e reconstrução de saberes, assim como as técnicas de ensino. Portanto, a didática pode se beneficiar das técnicas teatrais, promovendo um novo modelo pedagógico socialmente comprometido, capaz de aproximar-se mais da realidade e da cultura local.

A encenação, por forjar situações, aproxima-se do comportamento humano. A consequência disso é uma forte identificação: o público se reconhece nos atores e, em meio a situações comuns a todos, ideias, comportamentos, ações nos são sugeridas e chegam a nós consciente ou inconscientemente, construindo, alterando, reconstruindo nossa subjetividade. Um exemplo desse processo de subjetivação pode ser encontrado nas propagandas publicitárias, as quais partem de um contexto com situações comuns para envolver o espectador. Este, envolvido nessa atmosfera familiar, é “instruído” a desenvolver certo comportamento.

Desse mesmo modo, o teatro utilizado através dos griôs pode envolver o público de forma a sugerir novas ideias, desenvolvendo novos comportamentos e promovendo mudanças sociais.

O processo de construção das atividades dentro da Ação Griô geralmente é realizado coletivamente e, por isso, traz consigo implicações não apenas artísticas, mas também políticas e sociais, inclusive no âmbito da subjetividade de seus membros.

O presente trabalho se constitui a partir de interpretações do passado contado, que nos parecem importantes para compreender o resgate da cultura afro através da Ação Griô.

Neste contexto percebo que o legado africano no cenário cultural constitui-se de elementos ricos e servem, sobretudo, para a preservação da memória e valorização dos costumes e ressignificação dos ancestrais e da presença negra na formação cultural brasileira.

Inicialmente, meu interesse pela atuação dos griôs estava vinculado ao fato de perceber a integração entre teatro, música e literatura, que busquei no decorrer da graduação em minha própria atuação artística. Aos poucos, esse interesse foi sendo ampliado para além de questões estéticas, à medida que comecei a conhecer alguns dos valores que permeiam o contexto cultural do qual os griôs são parte: uma presença no mundo integrada com a natureza; o respeito às outras histórias que não apenas a história humana; uma visão não fragmentada de conhecimento que abrange diferentes dimensões do ser que não apenas o racional; o valor da memória, da palavra, do encontro e do diálogo; enfim, uma forma mais comunitária de viver e conviver.

Feitas estas considerações, não quero com isso sugerir que o teatro através da tradição oral seja a solução para os problemas de sociabilidades internas ou apenas forma de divulgação de seus ideários e concepções e que, ao mesmo tempo, sirva como a crítica a contemporaneidade. Pretendo mostrar que através da tradição oral é possível dar atenção aos excluídos da história por meio da tradição do saber dos povos ancestrais, não deixando essa desfalecer.

2. GRIÔ

2.1 Significado e origem

A palavra *griot* é de origem africana e significa contador de histórias. É a forma que os anciões transmitem suas histórias para os mais jovens e como mantêm o conhecimento de seus antepassados através da oralidade. Para eles o Mestre *Griot* é uma pessoa de mais idade, um ancião, que tem a missão de contar histórias e isso deve ser passado de pai para filho, de geração para geração, como um legado.

Para o povo africano somente através da oralidade é que se pode penetrar na história e compreender o espírito do povo africano, pois para eles outra alternativa não é válida, sendo que essa cultura é passada de geração para geração. De pai para filho. Já que a escrita não fazia parte de seus cotidianos.

Os *griots* são em suas comunidades reconhecidos e respeitados como anciões, que passam seus ensinamentos através de seus ofícios, seus modos de vida, através do exemplo e da palavra, já que para eles a escrita nada significa.

Ao contar suas histórias, muitas de improviso, o *griot* não faz uso da palavra decorada e sim da palavra solta para que seus “alunos” entendam cada elemento abordado, para que as palavras usadas sejam aquelas que eles estão acostumados no seu dia a dia. É como se fosse um teatro com base no improviso.

A tradição griô chegou ao Brasil junto com os negros que vieram da África, aqui ela foi adaptada e se tornou instrumento para a conservação das culturas africanas em terras brasileiras, bem como, ferramenta de resistência e transmissão dos saberes e fazeres das comunidades negras.

O Brasil, por ser um País multicultural, contém vários griôs, com diversos ofícios. O griô é uma única palavra, mas que abrange muitos saberes. Segundo Lillian Pacheco:

(...) Começam a vivenciar os projetos pedagógicos das oficinas, contando, pintando, costurando; desenhando, cantando, dançando, reciclando e registrando sua história de vida, de sua família, sua comunidade, dos griôs, dos mestres do Brasil. (...) (PACHECO, 2006, p. 30).

O griô no Brasil é aquela pessoa mais velha de sua comunidade, que por sua idade tem mais conhecimento dos fatos passados e como tem o dom da oralidade, passa adiante os acontecimentos do passado de uma forma narrativa. Também ensina os mais novos a bordar,

costurar, entoar cantigas e uma série de afazeres diários que os mais jovens devem aprender para incorporar às suas identidades.

A tradição oral consiste em transformar em palavras os atos exercidos, assim como, enquanto se faz um bordado, se cantarola cada ponto executado. Assim se cria um griô aprendiz. Alguém que tem a facilidade da oralidade, que consegue ensinar o ato enquanto está praticando. Sempre é uma pessoa com mais experiência em educação e facilitação de vivências em grupo. É uma pessoa que se identifica com o contador de histórias. Para traçar o perfil do griô de tradição oral, é necessário que se identifique uma pessoa com facilidade na transmissão de sua sabedoria através da palavra. E sempre deverá ter mais de 50 anos e ser envolvido com sua comunidade.

Normalmente os mestres são doutores em ofícios diversos, sabem explanar, tem vocação para falar e principalmente contar e transmitir seus conhecimentos. Eles, os mestres griôs, são reconhecidos em suas comunidades como detentores do saber, líderes espirituais, que tem a sabedoria da cura ou experiência em orientar a iniciação da vida. Para ser mestre devem ter mais de 60 anos.

Do mesmo modo que na África, o mestre griô no Brasil é considerado um “velho sábio”, símbolo da sabedoria da vida, que transita entre comunidades, aprendendo a cultura local e ao mesmo tempo disseminando as culturas dos lugares por onde já passou.

O objetivo de um mestre griô, entre mitos e lendas, símbolos e histórias de vida, cantigas e danças folclóricas, é inserir um diálogo dançante em torno de um tema criador nas escolas, com a participação de crianças, adolescentes, educadores, merendeiras e diretores,

[...] É uma pedagogia de vivência afetiva e cultural que facilita o diálogo entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre grupos étnico-raciais, interagindo saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida (...) (PACHECO, 2006. p. 86).

Os rituais de aprendizado facilitam a vivência afetiva. Todos os aprendizados construídos na pedagogia griô tem como base a tradição oral, que tem como foco a criação e fortalecimento da identidade de cada um na vida. Existe uma série de rituais, como candomblé, capoeira, sambas de roda, nas mãos de rendeiras, bordadeiras, parteiras. Muitas cores, muitos movimentos, envolvendo-os nas rodas, nos cantos ancestrais, são tão envolventes como os elementos básicos: a água, a terra, o fogo e ar. Os mistérios, a imaginação fluindo solta, todas as idades, todas as linguagens e afetividade se direcionando

juntas na grande roda da vida. Essa magnitude transcende os anos parcos de pobreza, perseguição e exclusão social.

Ao contar suas histórias, o velho griô torna-se um mágico, capaz de trazer ao momento presente um passando distante, em que as pessoas se reconhecem através das histórias de seus avós, bisavós, e toda uma história ancestral. Para tanto, o velho *griot* vem, durante toda sua trajetória, se apropriando de saberes ao mesmo tempo em que também os transmite. Trata-se de uma troca de saberes, em que cada comunidade contribui e recebe um ponto de luz de sabedoria. Em suas caminhadas, a comunicação do griô é estabelecida por meio de diálogos que formam uma rede viva e corporal, geralmente em feiras e festas populares.

Vestindo-se literalmente de cultura, utilizando-se de roupas, adereços, gestos, cores e musicalidades que contam histórias e transmitem saberes, o griô chega espontaneamente cantando e reverenciando a todos por onde passa e as pessoas de todas as idades vão se aproximando e tomam um lugar na roda. Ele pede a bênção ao seu mestre e aos mestres griôs batendo seu cajado¹, ou seu bumbo. Então, o velho griô joga seu chapéu no chão, ao centro da roda, marcando o início da brincadeira: cada participante pega o chapéu, coloca-o na cabeça e vai para o centro da roda contar uma história.

A palavra, com seu poder divino, tem no mundo o seu palco, tem no universo a fala, a expressão, o teatro, a música e a dança como evolução.

Nesse momento se faz presente a cultura desse povo que é ensinada oralmente para as gerações futuras. Este conhecimento por vir de uma tradição oral não está escrito nos livros. A prática da pedagogia griô se fundamenta na tradição oral, valorizando a fala e a escuta da cultura afro brasileira.

Para finalizar o velho griô se despede jogando suas cantigas de despedida: “é hora, é hora de o vapor ir embora...”

2.2 Ação Griô Nacional

A Ação Griô Nacional foi um projeto criado pela existência de milhares de pessoas possuidoras desses saberes. Uma parceria do Ministério da Cultura – Min-C – com o *Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô*, da cidade de Lençóis, na Bahia. A ação tem a proposta de conciliar tradição oral e educação formal, levando os griôs para dialogarem com as escolas:

(...) Para aprender e ensinar saberes e métodos de educação de tradição oral que valorizam griôs e mestres e que facilitam o vínculo afetivo e cultural entre

¹Cajado = Bengala longa de madeira com uma envergadura no alto.

educadores, educandos, pais, avós, comunidade e escola, fortalecendo a identidade das crianças e adolescentes. (...) (PACHECO, 2006, p. 16).

Esta ação foi lançada em 2006 no “Encontro Sul Americano de Culturas Populares” e na TEIA, em Minas Gerais, o maior encontro da diversidade cultural no Brasil, que reuniu integrantes de todos os pontos de cultura do País. Outros encontros, internacionais e nacionais, em que a Ação Griô foi divulgada também ocorreram, além de outras ações, como a distribuição do livro, *Pedagogia griô: a reinvenção da roda viva* de autoria de Lílian Pacheco, a apresentação do documentário “Sou Negro”, da Itinerante Filmes, envolvendo aproximadamente 500 representantes de Pontos de Cultura, associações e grupos culturais do Brasil,” e a divulgação da página: www.grãosdeluzegriô.org.br, com a experiência do Grãos de Luz e Griô, baiano, referência para todos os pontos de cultura do Brasil.

O Grãos de Luz e Griô e o Min-C elaboraram e publicaram o edital Ação Griô nº 01, em 15 de setembro de 2006, aberto aos pontos de cultura do Programa Cultura Viva da secretaria de Programas e Projetos Culturais do Min-C, atual Secretaria da Cidadania Cultural.

No período de 2007 a 2008, o Grãos de Luz e Griô, em parceria com o Min-C, trabalhou com a Ação Griô em 50 pontos de cultura, envolvendo mais de 1.000 representantes da rede em 17 encontros regionais e nacionais, formando uma rede de 7 equipes regionais de mobilização, articulação e coordenação, formada por 23 pontos de cultura e 50 griôs aprendizes, assessorias pedagógicas, griôs e mestres, produtores culturais e parceiros regionais.

De 2008 a 2009, o Grãos de Luz e Griô e as 7 equipes regionais e o Min-C revisaram e lançaram o Edital Bolsa de Incentivo Griô, envolvendo 130 pontos de cultura e ONGs do Brasil, criando ainda a comissão nacional de griôs e mestres de tradição oral do Brasil (PACHECO, 2009/2010).

A Ação Griô Nacional é um conceito pedagógico com base na cultura da transmissão oral de conhecimento. Essa é a ideia da Pedagogia Griô, reinterpretada pela coordenadora pedagógica da Grãos de Luz e Griô, Lílian Pacheco, e largamente utilizada por dona Sirley. O conceito surgiu da Ação Griô Nacional, que tem como objetivo a valorização da tradição oral brasileira, e o fortalecimento da identidade de crianças, adolescentes e adultos vinculados à sua ancestralidade.

3. O GRIÔ DE DONA SIRLEY

3.1 A Vida de dona Sirley na Ação Griô

Como é sabido, a Ação Griô vem a ser o estudo, resgate e valorização de uma história, neste caso a história da cultura afro-brasileira de dona Sirley. A cultura popular deve ser transmitida através da oralidade, pois é aprendida através da repetição de histórias, cantos, contos, poesias, entre outras manifestações artísticas.

Pelotas pode ser considerada um griô vivo, já que tem muito a transmitir. Sua história começa quando os indígenas rio-grandenses, usando uma canoa de couro para a travessia dos rios, batizaram-na de pelota.

Pelotas é um município brasileiro da região sul, localizada às margens do Canal São Gonçalo que liga as Lagoas dos Patos e Mirim, as maiores do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil. Pelotas está localizada a 250 quilômetros de Porto Alegre, a capital do estado.

Na história econômica do município destaca-se a mão de obra escrava africana que começou a ser utilizada na região pelotense a partir do final do século XVIII como a base produtiva de todo o cenário: os negros trabalhavam em cozinhas, tanto na cidade como nas estâncias, e também como peões e lavradores, nas charqueadas.

A ampla rede associativa de 1870 originou os clubes carnavalescos negros da cidade, que entre as décadas de 1930 e 1940, serviam como reduto da etnia, fruto da discriminação vigente na cidade que impedia a participação de negros nos demais clubes sociais, tidos como clubes de branco. Relato este feito pelo representante dos Clubes Negros, Sr, Rubinei Silva Machado.

Os clubes consistiram num dos espaços mais significativas de manutenção de uma identidade cultural, auxiliando na inclusão social, assim como colaboraram como uma forma de resistência à escravidão. Esses clubes locais constituíram-se enquanto espaços de afirmação de uma identidade negra, visando a preservar a cultura do seu povo contra a marca característica do branqueamento.

Deste modo, sabendo que Pelotas tem muito a contar, tomei conhecimento através do clube o qual frequento: Clube Cultural Fica Ahi² do trabalho desenvolvido por dona Sirley, a qual me concedeu uma entrevista sobre o griô, e me autorizou a registrar a sua história através

² O Clube Cultural Fica Ahi foi fundado em 27 de janeiro de 1921.

de fotos e filmagens e desenvolver um trabalho científico baseado nos fatos de sua trajetória com a Ação Griô. Em um primeiro encontro com a mestre griô, ela explicou-me sobre a sua participação no projeto Chibarro. Este projeto pertence à UFPEL e está integrado ao Programa Cultura Viva, financiado pelo Ministério da Cultura e Secretaria de Programa e Projetos Culturais.

Dona Sirley é mestre da Ação Griô Nacional, movimento que visa à preservação das tradições orais das comunidades e à valorização dos griôs, mestres e aprendizes, considerados patrimônio cultural brasileiro. Questões como identidade social, práticas cotidianas (falas, religiões, costumes), fios de esperança (sentimentos, emoções), a constante luta por manter vivos os costumes e tradições de seu povo, sempre fizeram parte do universo de dona Sirley desde seus primeiros anos de vida.

O passado de Sirley da Silva Amaro descreve uma menina feliz e contente com sua origem. Nascida em Pelotas, no ano de 1936, ela é filha única de dona Ambrosina Soares Cavalheiro e de João Chaves da Silva. Morava na rua Major Cícero, onde passou boa parte de sua infância, tendo boas lembranças desta época. Brincava de esconder dentro do canaleta da rua Argolo, entre tantas outras travessuras. Foi nessa mesma época que a pelotense aprendeu a costurar com uma vizinha. Ela lembra que a mesma tinha um rádio e, por isso, junto com suas amigas reuniam-se em sua casa para ouvir radionovelas. Enquanto isso, elas aproveitavam para fazer roupas para seus brinquedos e criaram, inclusive, um clube de bonecas.

Desde criança sua paixão sempre foi o carnaval. Tinha como referência a artista luso-brasileira Carmem Miranda. Suas roupas de baiana estilizadas e os grandes adereços por ela usados faziam o gosto de dona Sirley. O gosto natural pela música também tinha lugar nas brincadeiras. Na ocasião em que o grupo de vizinhos se reunia, dona Sirley brincava de imitar artistas famosos, sempre representando Carmem Miranda, amarrando panos na cabeça para ficar parecida com ela. Aos oito anos, integrou-se ao bloco carnavalesco “Girafa da cerquinha” e à escola de carnaval da cidade de General Osório, seus primeiros passos para honrar a paixão ao carnaval.

Dona Sirley estudou na escola Coronel Pedro Osório até a quinta série, começando a trabalhar aos 13 anos como costureira, profissão que lhe acompanhou até o ano de 2007, quando se aposentou. De jeito ativo e enérgico, sempre foi participativa, desde muito nova, dos desfiles de carnaval, das atividades da comunidade negra e de peças de teatro, na vizinhança e na escola.

Depois de aposentada conta que encontrou no passado uma forma de manter viva sua memória através da tradição oral, contando as histórias de sua ancestralidade, das Charqueadas e da sua amada Pelotas. Essas narrativas também remontam aos bailes de carnaval pelotense e aos clubes negros que frequenta há anos.

Dona Sirley tem sua história incluída no Museu da Pessoa³ e fez parte do concurso “Talentos da Maturidade”, do Banco Real⁴. Além disso, atua no CETRES (Centro de Extensão Atenção à Terceira Idade) da UCPEL, no qual participa das oficinas de coral e informática. Ela ainda é representante da comunidade negra do município, animadora cultural e *rapper* da terceira idade.

No ano de 2004, com recursos do Ministério da Cultura, o projeto Chibarro, da cidade de Pelotas, ganhou impulso, consolidou-se e tornou-se um dos pontos de cultura que integram o Programa Cultura Viva, denominando-se *Ponto de Cultura Chibarro Mix Cultural*, integrado por profissionais de diferentes áreas do conhecimento, professores e estudantes universitários, lideranças comunitárias e artistas de rua. O projeto tem como objetivo promover ações de caráter social que potencializem o exercício da cultura popular brasileira como cidadania.

A partir do projeto Chibarro, que se tornou um ponto de cultura da cidade, dona Sirley passou a ter acesso aos demais projetos que envolvem o Programa Cultura Viva do governo federal. Dentre eles, o projeto Ação Griô, inspirado e concebido pelo *Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô*, em Lençóis, Bahia.

A participação de dona Sirley na Ação Griô, integrada ao *Ponto de Cultura Chibarro*, teve início efetivamente em maio de 2007, embora o início do contato entre as partes tenha se dado em novembro de 2006. Na ocasião, dona Sirley foi indicada pelo aprendiz de griô Paulo Sérgio Barbosa, a partir de um projeto ocorrido na Bahia, objetivando estimular a tradição oral nas comunidades.

Primeiramente a pelotense passou por um treinamento e capacitação, em que a mesma pôde transmitir informação das suas vivências, integrando-se ao projeto a fim de estimular a tradição oral nas comunidades, valorizando os velhos e suas sábias histórias, objetivando a tradição da oralidade e a sabedoria dos mais antigos.

Já integrada no projeto, dona Sirley, Mestre Batista e um griô aprendiz, começaram a atuar em escolas do município, criando as suas oficinas (atividades), baseando-se em valores adquiridos nas suas infâncias.

³ O Museu da Pessoa é um museu virtual, onde toda e qualquer pessoa é convidada a contar a sua história.

⁴ Projeto do Banco Real.

As atividades desenvolvidas pelos griôs foram inicialmente ministradas em três locais da cidade – nas escolas Dunas e Alcides de Mendonça Lima e no Instituto de Menores Dom Antônio Zattera, instituição de cunho filantrópico –, atividades estas iniciadas no ano de 2008.

Nesses espaços, dona Sirley transmitiu seus conhecimentos sobre a cultura afro, ao mesmo tempo em que ensinou técnicas de confecção de fuxico⁵ e de instrumentos musicais de origem africana. Desenvolveu ainda exercícios do teatro do oprimido e dança.

Apaixonada por cantar, quando entrou nesse programa de contadores de histórias dona Sirley resolveu unir sua paixão pela música com suas histórias, trabalhando com o samba de roda e contos que resgatavam músicas antigas, cantadas na senzala e outras que foram passadas de família para família. Vestida a caráter, ela sempre inicia sua apresentação com um belo sorriso, o que faz com que o público já comece a prestar atenção.

O projeto já lhe proporcionou viagens e troca de experiências com outros mestres. Participou em Belo Horizonte da TEIA, e também do projeto Tuxáua, realizado pela fundação Palmar, que procura estimular a troca solidária de saberes entre pontos de cultura, conveniados ou não, do norte ao sul do Brasil interligando-os e fazendo circular, entre eles, os fazeres, dizeres, cheiros e sabores das comunidades, visando à inserção de novos atores no Programa Cultura Viva, bem como o aprofundamento do envolvimento dos que já fazem parte.

Para isso Dona Sirley usa a técnica aprendida nas oficinas do projeto que se baseiam no Teatro do Oprimido, o improviso. Seu primeiro contato com o Teatro do Oprimido (TO) foi durante a TEIA (um dos maiores encontros culturais do país, o evento reúne todos os pontos de cultura do Programa Cultura Viva, do MinC) realizada em Belo Horizonte no ano de 2007. Dona Sirley conta que a programação foi imensa e diversificada com exposições, *shows*, debates, oficinas, seminários entre outras atividades.

O projeto Tuxáua – Histórias cantadas da infância dos Mestres Griôs – trabalhou a vivência e registro das canções de cinco mestres griôs do estado do RS. Dentre eles, a pelotense Sirley, que a partir de suas histórias de infância e de reinterpretações, resgatou situações importantes para criar músicas infantis. Neste projeto foram criadas treze canções e com elas foram realizadas oficinas lúdicas musicais com crianças de comunidades carentes de escolas públicas de Porto Alegre. Além disso, dois espetáculos musicais infantis foram concebidos nos pontos de cultura, com o apoio da Fundação Palmares, que promoveu as apresentações artísticas musicais nas escolas públicas.

⁵ Fuxico = trouxinhas feitas de restos de tecido, para customizar roupas, toalhas, almofadas.

Dona Sirley atualmente desenvolve suas atividades como mestre griô durante as oficinas ministradas no Instituto de Menores, com crianças em vulnerabilidade social, utilizando como ferramentas pedagógicas a tradição oral e o Age⁶ para embalar as histórias. A ação permite a transmissão de conhecimentos sobre a cultura afro, fato que aumenta a autoestima das crianças.

Sempre que inicia uma oficina com os menores o primeiro contato é o da conversação, em que dona Sirley inicia contando sobre a sua infância, enfatizando a importância da história de vida de cada ser humano e que esta precisa ser falada, ouvida e contada. Conta do projeto Ação Griô e pede para que os alunos da Instituição se apresentem contando um pouquinho da sua vida.

A conversação tem o objetivo de socializar e aproximar o grupo para que a griô possa desenvolver suas atividades durante o ano de forma harmoniosa e produtiva. As rodas de conversas consistem em um método de participação coletiva acerca da temática da história de vida de cada menor da Instituição, através da criação de espaços de diálogo, nos quais os sujeitos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos, tendo como foco motivar os indivíduos a reflexão voltada para a ação envolvendo um conjunto de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre eles.

Dona Sirley conta que mesmo desenvolvendo o projeto há seis anos cada turma é diferente da outra, sendo sempre uma agradável surpresa mesmo que esta seja difícil. Dona Sirley citou “(...) às vezes levo o tema pronto e chegando lá, sentia eles ligados em outro assunto, então mudava a aula e fazia uma coisa bem diferente (...)” (AMARO, 2012).

Foi durante um dos seminários promovidos pela TEIA, em que um dos convidados foi Augusto Boal, que dona Sirley tomou conhecimento do TO. Durante este seminário a mestre griô aprendeu que a primeira palavra do vocabulário teatral é o corpo humano, foi neste momento que dona Sirley entendeu que podia usar o teatro como um dos passos para se aproximar das crianças da Instituição. Ela relata que durante o seminário aprendeu que o TO é um teatro que valoriza as ações sociais do lugar onde moramos e é um vínculo para protestos através das peças de teatro. Dona Sirley entendeu que para Boal todo ser humano é ator e a representação da sua vida pode ser um meio para se transformar a sociedade. Neste seminário

⁶ Age: instrumento musical de origem africana, feito com material em cabaça com fio encerado e miçangas coloridas.

a mestre também aprendeu que as ferramentas do teatro do oprimido se baseiam em sistemas de exercícios, jogos teatrais e o improviso das cenas.

Assim, a mestre griô conta que a improvisação das atividades com os alunos da Instituição a levou a aplicar a técnica do Teatro do Oprimido, voltada para a reflexão e a intervenção, capazes de garantir a educação como um direito individual e coletivo, necessária para a construção de uma sociedade democrática e inclusiva.

“Teatro era o povo cantando livremente ao ar livre”, (BOAL, 1988, p. 14) era como uma festa popular em que todos podiam participar, daí vem o título de oprimido, das massas, das pessoas simples. Depois veio a burguesia e transformou estes atores em pessoas afastadas do público.

Dona Sirley relata que, em uma das turmas em que trabalhou, sentiu os alunos bem distantes, pouco participativos e foi então que aplicou o que havia aprendido com o Teatro do Oprimido: começou a desenvolver a expressão corporal e oralidade, sempre parando para ouvi-los. Logo depois, propôs uma peça de teatro que seria toda criada por eles e orientada por ela. Procurou trabalhar com o teatro já que este pode transformar o espaço de trabalho e aprendizagem pelo prazer e encantamento.

Dona Sirley acredita que o teatro amplia o horizonte, melhora a autoestima e possibilita a aproximação das pessoas, permitindo combater a discriminação através da mensagem que a peça possa transmitir e resgata histórias de vida que possam ser contadas através da encenação.

Questionada, dona Sirley explicou sobre por que basear-se no teatro do Oprimido para a construção das peças, explicando que este é um teatro criado nos anos 1960 por Augusto Boal, que usa o teatro como ferramenta de trabalho político, social, ético e estético, contribuindo para a transformação social.

A base do TO é a exploração de situações de opressão e a valorização da capacidade criadora e criativa de todas as pessoas, em particular dos oprimidos. É um método lúdico e pedagógico, um instrumento eficaz de comunicação e de busca de alternativas concretas para problemas reais. Criando condições para que o oprimido se aproprie dos meios de produzir teatro, e assim possa ampliar suas possibilidades de expressão e compreensão do mundo que o cerca, visando transformações sociais, procurando incluir o indivíduo na sociedade, trabalhando com grupos de minorias, gerando um diálogo na sociedade fazendo com que os indivíduos desenvolvam sua autoconsciência e sua importância na comunidade.

A criação da peça deu-se no momento em que fizeram uma roda aplicando o que a mestre havia aprendido com o TO. Num primeiro momento cada indivíduo contou alguma coisa que vivenciou, o que permitiu a sensibilização e a reflexão sobre problemas coletivos. Os relatos levaram a um assunto em comum e tema da peça: “brigas entre vizinhos”, sendo posteriormente apresentado de forma lúdica e educativa, desenvolvendo a expressão corporal, verbal e a história da vida deles que não deixa de ser a tradição oral. A peça contou com traços da individualidade de cada menor, inserindo o samba e o regue como musicalidade e identidade da cultura afro.

Com a criação das peças, no Instituto de Menores: “Revolta das caveiras” e “Alegria Alegria”, dona Sirley realizou a integração entre o TO e a Ação Griô, que se tornou uma ação sócio-educativo-cultural, não deixando de ser uma representação com caráter de lazer e diversão, contudo, sem ficar apenas no aspecto lúdico. Toda pessoa que resolve escrever uma peça, por exemplo, está, obviamente, interessado em mostrar, seja denunciar, despertar, sensibilizar ou, simplesmente, apresentar.

Ainda pensando em Boal, dona Sirley conta que com estas peças pôde transmitir a mensagem que no seu entendimento é o principal objetivo do Teatro do Oprimido: a vida é um imenso palco no qual todos nós somos protagonistas de tudo que acontece, aconteceu ou pode vir a acontecer. Esta é a relação das ideias de Boal com a Ação Griô, já que através da oralidade e experiências de vida é possível construir e reconstruir histórias, cenários e enredos, proporcionando que o espectador se liberte, pense, questione e aja.

As formas de se fazer Teatro do Oprimido, como nos aponta Boal, variam conforme a proposta: O teatro jornal, criado em 1971, foi muito utilizado durante a ditadura militar no Brasil, como as notícias eram muito censuradas nesta época, os atores interpretavam ações dos fatos que não haviam sido noticiados.

O teatro invisível acontece em um local onde a situação apresentada deve ser vivida. Dessa forma os espectadores tornam-se atores, sem tomar conhecimento que estão participando de uma proposta cênica e pedagógica.

No teatro fórum são produzidas cenas reais dos problemas do povo e oprimidos e opressores são confrontados, vencendo sempre o opressor. Então um ator designado “curinga” invoca a participação da plateia, pedindo que um espectador assumo o papel do oprimido e tente reverter o quadro.

O teatro imagem é quando não se consegue diálogos entre pessoas de diferentes etnias, pratica-se a leitura corporal, uma forma de comunicação através da imagem.

Em relação a estas peças apresentadas nota-se que a metodologia do TO de Augusto Boal, trabalha com quatro categorias: sentir tudo que se toca; escutar tudo que se ouve; estimular os vários sentidos; ver tudo que se olha. Para trabalhar estas categorias, utilizam-se os jogos e técnicas para a preparação do ator. Nestas peças, dona Sirley conta que se apoia no Teatro-Fórum, onde o espetáculo foi construído coletivamente e de acordo com as demandas dos grupos participantes, em que existe a presença de um conflito claro e objetivo, personagens movidos por paixões contraditórias estimulam a participação do espectador e a promoção do diálogo; instigando, provocando a indignação e atizando o espectador ao desejo de interferir na peça ou cena.

Dona Sirley termina suas atividades como voluntária no Instituto de Menores, no final do ano, seja com uma peça teatral, musical ou com um conto, mas sempre procurando transmitir, através da oralidade, reflexões de caráter sociocultural, político-pedagógico. Além disso, promove e resgata a cultura de um povo, no caso da mestre, a cultura afro brasileira da sua cidade.

3.2 Construindo o conto: a Girafa Foliona conta uma história para a gurizada.

A marcha da girafa é uma marcha antiga do bloco carnavalesco da cidade de Pelotas. Dona Sirley a usou como apresentação pela primeira vez quando a fundação Palmar lançou o projeto Tuxáua, que proporcionou a oficina da cantoria, onde os mestres griôs trabalharam músicas de sua infância. Este projeto estendeu-se às escolas de Porto Alegre, levando à comunidade escolar o conhecimento das vivências dos griôs na infância, foi quando dona Sirley apresentou pela primeira vez a marcha da girafa da cerquinha.

Dedicando boa parte de seu tempo também para os diversos órgãos em que participa como griô, dona Sirley nestas participações faz um resgate de músicas antigas que eram cantadas na senzala, nos carnavais e outras que foram passadas de família para família.

Como a pelotense foi reconhecida pelo Ministério da Cultura como mestre griô, possuindo uma história de vida que pode ser compartilhada com os mais jovens, foi convidada para contar suas histórias durante a Feira do Livro, participando em Porto Alegre da primeira Mostra Nacional de Contadores de História.

Dona Sirley fala com muita emoção da sua profissão: "Hoje eu integro a categoria de Contadora de Histórias" (AMARO, 2012), que só passou a existir a partir do documento regido pelo Ministério Público, no ano de 2007, e pela Teia Nacional, órgão que classifica

artesãos e outros tipos de profissionais liberais. Ainda segundo a mestra: “trabalhando com esta história estou trabalhando com a história da minha vida” (AMARO, 2012- Feira do Livro- POA- RS).

Dona Sirley relata que ao ler o edital Feira do Livro, logo pensou no carnaval e no bloco carnavalesco que frequentava, “Girafa da cerquinha”, tendo a ideia de cantar a marcha da girafa e falar da sua infância carnavalesca. Com base nos critérios do evento, dona Sirley criou uma história incluindo traços da cultura afro e as marchas carnavalescas. Como não podia haver cenário segundo o regulamento, confeccionou uma roupa que a ajudasse a transmitir a história cantada e contada.

Assim em 10 de novembro de 2012, a mestre griô dona Sirley participou da 1ª Mostra Nacional de Contadores de Histórias que ocorreu na programação do 5º Seminário “A Arte de Contar Histórias”, realizado anualmente na Feira do Livro de Porto Alegre. A seguir, contarei como foi a apresentação de dona Sirley neste evento, segundo as minhas impressões. Como anexo ao presente trabalho de conclusão de curso, o leitor poderá acessar o DVD com vídeo da apresentação da “Girafa da Cerquinha” e fotos do trabalho de dona Sirley. Em primeiro lugar, destaco que o público ouvinte da Mostra foi constituído por crianças em idade pré-escolar, acompanhadas de professores e/ou pais.

Dona Sirley procura chegar sempre cedo nos locais, no sábado dia 10 de novembro, apresentou-se na Feira do Livro, chegando por volta da 13h, uma hora antes de sua apresentação para conhecer o local. Logo após dona Sirley foi levada até o cantinho da merenda onde havia um espaço reservado para ela se arrumar.

Tudo iniciou com a preparação do figurino. Dona Sirley tece tudo com muito carinho e dedicação, sendo ela a responsável por toda a produção, às vezes recebe a colaboração de alguém que se disponha a ajudar no momento de se vestir.

Neste momento uma pessoa da organização do evento propôs-se a ajudar. Começou o ritual antes da apresentação. Dona Sirley abriu sua mala que carrega sempre consigo. Nesta mala estão seus colares, faixas do cabelo, seu vestido rendado branco, semelhante aos de baiana, sua saia de armação e todos os personagens da história a ser contada, que são figuras de animais que fazem parte do figurino e são tema do conto, estando presos à saia com seguranças.

A mestre griô entrou cantarolando e dançando por onde as crianças estavam sentadas, ao som das palmas do público e de seu bumbo⁷. Sua encenação começou do lado de fora do palco.

Dona Sirley : Boa tarde, boa tarde!! Boa tarde, boa tarde é tempo de dizer boa tarde, sorria para a vida que a vida é alegria é tempo de dizer boa tarde estou chegando pessoal boa tarde pessoal! (AMARO, 2012)

O público respondeu: “Boa tarde!” Na sua maioria eram crianças, sentadas em um tapete à frente do palco. Demonstraram participação e entusiasmo. Dona Sirley chegou até o palco e se apresentou como contadora de histórias.

A “Girafa da Cerquinha” é uma história do carnaval de Pelotas, que busca valorizar as diversidades das tradições populares afro-brasileiras. E, assim dona Sirley começou a história: A girafa tinha uma festa de quinze anos da sua irmã na África e não podia comparecer ao evento, pediu então para que dona Sirley a representasse e levasse uma foto sua para que o público a reconhecesse.

Dona Sirley – A girafa, na sua andança pela selva da África, ouviu alguns turistas falando que tinha carnaval dos bichos no Brasil, ficando com vontade de aprender e conhecer, e pensou: “Como esse carnaval foi parar no Brasil? Quem levou?” Ora! Quem levou? Todo mundo sabe, né? Quem trouxe o samba e o batuque para o Brasil. (AMARO, 2012)

Nesse momento, dona Sirley descreveu a girafa mostrando uma figura bordada em seu vestido. E seguiu:

Havia um navio atracado na Costa do Marfim, a girafa resolveu fugir da África entrando no navio. Chegando ao Brasil descobriu onde era a cidade que tinha o carnaval dos bichos. Sua primeira preocupação foi saber se havia bambu, que é sua fonte de alimentação. Chegando à cidade, a girafa saiu pelas ruas perguntando onde havia o bloco dos bichos (AMARO, 2012).

Neste instante dona Sirley mostrou as figuras de bichos presas ao seu vestido. Enquanto apontava para cada figura, as crianças interagem falando o nome do bicho: “jacaré”, “camelo”, “dromedário”, “galo”, entre outros.

No ensaio do bloco, os bichos achavam que a girafa não viria já que a mesma morava muito longe. Se emburraram e disseram que não sairiam. À noite, a girafa foi ao local do ensaio. Ao chegar, os bichos foram se perguntando quem seria aquele bicho de pescoço comprido, já que estes não conheciam pessoalmente a girafa, só haviam ouvido falar. A girafa contou que veio da África porque sabia que ali tinha um bloco de bichos. Enquanto isso, os bichos cochichavam que não iriam deixá-la sair no bloco com aquele pescoço comprido, pois todos ficariam olhando para o seu pescoço e não iriam olhar para os demais bichos. A girafa foi para casa desanimada, mas como era capricorniana, enfrentava tudo que é difícil (AMARO, 2012).

⁵. Bumbo: Instrumento musical de percussão, também conhecido como caixa baixo, o bumbo é um tambor cilíndrico que emite um som grave e seco.

Neste momento, o público participou interagindo com gargalhadas, achando engraçado a girafa ser capricorniana. Percebi traços do Teatro do Oprimido nesta passagem, já que dona Sirley estimulou a participação do público ao mencionar que a girafa era capricorniana. Como é sabido, o T.O. procura utilizar a linguagem diária, cotidiana dos seres humanos em sua encenação teatral.

A girafa não desistiu e ficou sabendo o horário do ensaio. Chegando lá, os bichos já estavam cantando e dançando a primeira marcha: “Mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar! Dá a chupeta! Dá a chupeta! Dá a chupeta pro bebê não chorar!” (AMARO, 2012).

Neste momento o espectador também já é ator, já que, junto com dona Sirley produz uma ação: cantar a marchinha. O ator e espectador se confundem e coexistem.

A girafa, muito informada, sabia que no Brasil tinha marchas lindas de carnaval. O galo anunciou que iriam cantar outra: “cocococoricó, o galo tem saudade da galinha carijó”. O bode anunciou mais outra: “Marcha da espanhola”. A girafa achou todas lindas.... mas faltava uma com o seu nome. Saindo do ensaio, a girafa voltou para casa na cerquinha. Esse lugar era assim chamado porque a cidade estava em construção e havia cerquinhas que se faziam para separar os terrenos. A girafa foi até a casa do Pedro, que era um senhor que fazia marchinha, para este fazer uma que incluísse o seu nome. Pedro disse que estava muito atarefado fazendo marchas para vários blocos, mesmo assim ficou de ver o que podia fazer, pedindo para girafa passar no outro dia pela manhã. No outro dia, ela foi à casa de Pedro, que informou-lhe não ter feito a marcha, mas inventou a letra que cabe em uma música que é de outro bicho. Ele já havia ligado para o bicho para saber se podia usar a música e este disse que não se importava. Trata-se da música do cuco. Pedro disse que a marcha é muito antiga. A cantora Carmem Miranda cantou e ele tinha feito uma adaptação. A girafa então perguntou para Pedro como era. Pedro explicou como era o relógio cuco: Um relógio muito antigo que ainda na casa dos avós, e que em certa hora, um passarinho sai e faz cuco, cuco: “*Cuco, cuco o passarinho do relógio tá maluco....*” A girafa gostou e Pedro cantou toda a música. Ela, sabendo a hora que o bloco dos bichos iria sair, às 20h, capricorniana que era, resolveu sair antes, às 18h, cantando “Girafa, girafa, girafa essa girafa da cerquinha está maluca ainda não é hora do batente ela fica impertinente acordando toda gente”. Então, os bichos ouviram, gostaram, se empolgaram e correram para se arrumar e saíram atrás da marcha da girafa. No dia seguinte, ela já era a rainha da cerquinha dominando, assim, os outros bichos. Desse modo, a girafa conseguiu se integrar entre os outros bichos (AMARO, 2012).

Durante o conto é perceptível algumas características do TO. No início do conto percebe-se uma discriminação dos demais bichos em relação à Girafa, por ela ser diferente. Dona Sirley com este conto, de certa forma procura trabalhar as relações humanas, entre raças e grupos, já que oprimido e opressor convivem juntos no mesmo espaço.

Existe também neste conto traços do “Teatro Fórum” em que a barreira entre o palco e a plateia é destruída e o diálogo é implementado. Neste caso Dona Sirley em alguns trechos

conversa com o público, mostrando figuras dos bichos e fazendo algumas perguntas para que o público interaja. Percebemos, na passagem do conto acima, a participação da plateia.

A participação do público, adultos e crianças: cantando, gargalhando ou até mesmo interferindo na história, julga-se que é o ápice da encenação cênica de dona Sirley, através de uma plateia participativa. Dona Sirley procurou resgatar por meio das cantigas, durante a encenação, um pouco do carnaval da sua cidade, resgatando memórias do passado.

A história da Girafa da Cerquinha é um exemplo de oprimido que discriminado reverteu sua situação, transformando o opressor em seu aliado para seu benefício. Deixou de ser oprimida e passou a ser igual no grupo dos animais. É neste momento que a pedagogia do oprimido e o teatro do oprimido se encontram na fala mansa de dona Sirley.

É neste momento que o Teatro do Oprimido vem à tona. Quando se transforma o espectador em ator, sistematizando um esquema em quatro etapas:

- 1ª etapa – Conhecimento do corpo, em que se aplica uma série de exercícios para que se conheça o próprio corpo.
- 2ª etapa – Tornar o corpo expressivo. Sequência de jogos onde a expressão é a única forma de comunicação.
- 3ª etapa – O teatro como linguagem. Num primeiro momento, os espectadores cantam junto aos atores que representam. A seguir, os espectadores contribuem diretamente para a ação, “falando” através de imagens feitas com os corpos.
- 4ª etapa – Tendo o teatro como discurso – forma simples em que o ator-espectador intervém diretamente na ação dramática.

4. O GRIÔ COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA TEATRAL

4.1 Pedagogia Griô

O ato de aprender a ler é aprender a pensar, e pensar é uma forma de ação. Assim como se aprende ensinando, também ensinamos aprendendo. E assim ocorre com dona Sirley, que quando é mestre griô passa seus ensinamentos aos espectadores que vivenciam cada história contada e as introduzem em suas vidas passando estas lições adiante.

Dona Sirley, mestre griô, tem todo um ritual de apresentação proposto pela Pedagogia Griô, que é realizado com a participação de aprendizes griôs. Ela se arruma, se maquia, se concentra para vivenciar aquela troca que existe entre o mestre griô e seus ouvintes. Seu envolvimento é tão grande e a sintonia tão profunda que quem ouve suas palavras também quer falar, de espectador o ouvinte vira ator.

Neste momento, através da oralidade, o passado começa a surgir e as pessoas começam a aprender sobre seus antepassados. Como na história da Girafa da Cerquinha, ela identificou suas raízes na África, inclusive tendo uma irmã lá. A Pedagogia Griô de dona Sirley, por meio de seus rituais, aproxima seus estudantes de seus educadores dessa prática de ensinar-aprender, adotando os ensinamentos que ela mesma aprendeu que consistem em conscientizar e politizar, criando condições do aluno desenvolver uma visão crítica através de seus pensamentos. Assim como a girafa aprendeu com seu Pedro, que teria que criar uma música para ser aceita na comunidade dos bichos.

(...) A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. E a palavra humana imita a palavra divina: é criadora. (FREIRE, 2005, p 21).

Durante a feira do livro 2012 em Porto Alegre, dona Sirley se apresentou para uma roda de crianças entre quatro e seis anos, nenhuma alfabetizada. Com sua característica marcante que é a fala, começou a entoar cantigas que falavam de sua infância, juventude, sua vida. Nesta ação pedagógica, com o interesse dos pequenos despertado, notou-se que na continuidade da apresentação teatral todas as crianças que participavam da roda cantavam mostrando como a oralidade é uma peça fundamental no ensino da pedagogia do oprimido. As crianças haviam deixado de ser meros espectadores para serem um grupo ativo de fato.

A pedagogia griô intensifica os canais de percepção da realidade, firmando o diálogo e o próprio processo de ensino. Intensifica uma percepção afetiva e simbólica que toca no sentido da vida de uma identidade intensamente comprometida com a ancestralidade.

Temos uma vasta biblioteca. Temos muitos e muitos livros contando a história. Na realidade são cópias de outras cópias de muitos autores. Mas no griô, a história não se repete, já que cada história é uma vida. Cada história contada é parte da vida de uma pessoa que fala. Esta pessoa é o mestre griô.

Dona Sirley deve ser considerada como um teatro vívido, uma andarilha que tem o dom da oralidade. Tem o dom de transformar visões devassadas pelo cotidiano, para visões que enobrecem a cultura de um povo injustiçado e escravizado. Nenhum negro nasceu escravo, muitos nem nasceram no Brasil. Foram trazidos a força pelos portugueses e espanhóis em navios onde nem gado sobreviveria. E, sobreviveram... E foram escravizados. E escravizados, ficaram velhos. E velhos, viraram mestres. Mestres viraram griôs. Contando através das palavras suas vidas de liberdade. Suas lutas de injustiça. Negros roubados de seu maior tesouro: sua liberdade.

É quando o ancião começa a contar sua história de vida que nasce um Mestre Griô.

A constatação de que o modo de ensino tradicional não atende às necessidades de nosso tempo torna imprescindível uma revisão de conceitos educacionais para a promoção de novos modos de ensino. Nesse ponto, o *griot* pode representar um modelo novo de ensino/aprendizagem participativo e contextualizado.

[...] Pensando sobre a prática da sala de aula e da oficina, seja formal ou informal, percebemos que os rituais de vínculo e aprendizagem mudam o centro da aprendizagem para a identidade e a vida, assim como propõem a educação biocêntrica e a escola da vida da tradição oral. (PACHECO, 2006. p 106).

Através de oficinas de identidade, arte, artesanato as ações do projeto são planejadas e voltadas para determinados setores sociais e idades. Para tanto foram criadas Rodas específicas para crianças e adolescentes, para velhos griôs, educadores e rede municipal e a Roda da vida e das Idades, a qual reúne todos os participantes das outras rodas, promovendo a interação de diferentes gerações e a transmissão do conhecimento e culturas de tradição oral, sendo este o exemplo que dona Sirley usa em suas oficinas como mestre griô.

Os jovens são vistos como grãos que irão semear o aprendizado, os mestres griôs são pessoas com idade mínima de 60 anos e que possuem destaque na sua comunidade como líderes espirituais (curadores, parteiras, rezadeiras, mães e pais de santo); como conhecedores de ofício (tecelão, ferreiro, pescador, sapateiro) e pessoas com história de vida de tradição oral.

Dona Sirley trabalha em total sintonia com as ideias de Paulo Freire, pensa que o professor tem que se adequar à situação do aluno. Como desenvolver uma escrita em um

quadro negro, ou mesmo um caderno se seus alunos ainda não conhecem o alfabeto? Através da oralidade é passado o ensinamento. E quando o aluno começa a descobrir novos fatos e começa a querer conhecer mais, ocorre a troca, onde o aluno ensina o que sabe, e o professor aprende ensinando: “A palavra, como comportamento humano, significante no mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as; não é só pensamento” (FREIRE,2005, p.19).

A educação precisa despertar o indivíduo para a ação proposta. Nunca deverá encorajar e impor o aprendizado. Não precisamos de cobaias que decorem. Precisamos de professores que ensinem o indivíduo a pensar e a criticar. Aí teremos pessoas com capacidade própria de desenvolver seu raciocínio, capazes de evoluir. Teremos indivíduos com capacidade de construir seus futuros. E construir o futuro de uma nação.

A compreensão da importância da arte na formação do indivíduo emancipado, como um instrumento capaz de atuar criticamente em prol da transformação, está presente em todas as ações pedagógico-teatrais desenvolvidas nas comunidades em que dona Sirley atua. Esta concepção baseia-se nas ideias lançadas pelo educador Paulo Freire e pelo teatrólogo Augusto Boal.

Segundo Augusto Boal, o Teatro do Oprimido buscava transformar o espectador em ator e a participação do grupo como um todo, onde todos são atores e a comunidade se envolve e deixa de ser mera espectadora.

(...) Transformar o povo, “espectador”, ser passivo no fenômeno teatral, em sujeito, em ator, em transformador da ação dramática. (BOAL, 1988, p. 138).

Através do aprendizado que dona Sirley teve com as técnicas de Boal, as pessoas saem da sua formalidade e são convidadas a participar da roda. Elas estão, assim, incorporando, ainda que através da pedagogia griô, a ideologia de inclusão pertencente ao teatro do oprimido. Onde o espectador participa junto ao ator, através da oralidade e teatralidade dando enfoque a pedagogia griô.

Dona Sirley, quando se assume como uma mestre griô, começa a desenvolver suas ações pedagógicas teatrais divulgando uma história rica em sangue e sofrimento, mas real para quem conhece a origem da escravidão. Assim como na história a girafa sofreu discriminação por seu longo pescoço e foi rejeitada pelo grupo de animais que não a queriam no carnaval por ser muito diferente dos outros.

Dona Sirley esquece aquela menina que foi, e passa a ser o livro vivo da história de seus antepassados. Livro este que não tem páginas, livro este que não tem escrita. Livro este

que ela ouviu de outro mestre griô contando. Livro vivo este que é a memória viva de várias gerações.

Mestre griô dona Sirley se arruma e se prepara para entrar na roda cantando; batendo seu bumbo e chamando a criançada para participar de mais uma roda. Mestre griô dona Sirley começa a narrativa da história da Girafa da Cerquinha, cantando marchinhas antigas de outros carnavais, citando os nomes dos animais. Parece apenas mais uma história contada através da palavra. Mas é uma história real, só que com animais representando as pessoas. História essa de discriminação, preconceito, arrogância e de superação. Esta é a forma pedagógica que dona Sirley transmite pela oralidade, o testemunho vivo de épocas passadas. É nesta hora, que com a aquiescência da roda, dona Sirley se despede e vai embora. É nesta hora que através da oralidade de Dona Sirley e dos ouvidos da roda se grava a história.

A pedagogia griô nas escolas pode estar amparada pela Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as instituições de ensino, públicos e particulares, do ensino fundamental ao ensino médio. A Lei existe há dez anos e não é cumprida, ela ainda não foi incluída nos PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais⁸. O conteúdo previsto na Lei, que ainda não foi contemplada nas escolas, é usado diariamente no trabalho griô de dona Sirley. A Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura, música, culinária, teatro, dança e as religiões de matrizes africanas.

Além das Leis 10.639/03 e 11.645/8, tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei Griô (PL 1.786/2011), com o intuito de instituir a Política Nacional Griô, para proteção e fomento à transmissão dos saberes e fazeres de tradição oral. (PL 1.786/2011).

A sociedade, em um contexto geral, ainda caminha a pequenos passos para o progresso, ainda discrimina e se omite sobre a história do afro descendente.

Dona Sirley é uma representante viva das ações pedagógicas em benefício da cultura negra. Com suas ações griôs, ela traz todo um passado afro para dentro das escolas. É a

⁸ Embora não seja em forma de lei, é importante destacar que está previsto nos PCNs a utilização, por parte dos professores, de Temas Transversais, como Sexualidade, Ética, Cidadania, Saúde, Meio Ambiente e Pluralidade Cultural. Ainda que seja possível abordar a cultura negra através dos Temas Transversais, a questão não está contemplada nos PCNs como uma obrigatoriedade.

representante direta da Lei 10.639, através de projetos sociais, em comunidades e escolas e atendendo crianças em situação de vulnerabilidade, através de oficinas de dança, teatro, música, costura. Estas ações refletem diretamente na divulgação da oralidade da cultura afro brasileira.

5. CONCLUSÃO

Em capítulos anteriores já foi abordado o termo mestre griô que aqui sinto a necessidade de resumir como aquele cuja experiência de vida pode ser compartilhada com os mais jovens. Transformar esta experiência de griô em ferramenta pedagógica teatral significa enxergar espaços de socialização, de reflexão, de troca de experiência para compreender e construir diferentes e inúmeros diálogos onde se acolham as diferenças e, também, proponham-se unidades flexíveis.

Até pouco tempo, só havia transmissão de conhecimentos sem interação, hoje é possível pensar a qualidade na aprendizagem através do barulho do confronto, da compreensão das diferenças nos modos de significação.

A história de vida de dona Sirley e os relatos esfuziantes que ela proporciona, problematiza a incomunicabilidade das culturas e cria significados compartilhados que envolvem e discutem as culturas legítimas, não legítimas, de massas, populares, enfim, produz um encontro intercultural.

Por exemplo, a história da girafa da cerquinha constrói, expõe uma cultura de como os negros foram discriminados quando trazidos da África e como lutam até hoje em busca da superação, da busca de seu lugar como igual na sociedade. A busca pela liberdade foi atingida mas ainda existe muito preconceito a ser vencido. Essa opressão ainda incorpora o mundo vivido pela dona Sirley, por essa razão, ela socializa estas informações na multiplicidade de relações que se estabelecem no grupo ao qual ela faz o relato, seja adulto, jovem ou criança.

Dona Sirley teatraliza histórias, diálogos, sentimentos, abre a possibilidade de observar seres humanos como sujeitos plurais sendo permanentemente construídos e atualizados, uma vez que o teatro desenvolve a autoidentidade, o autoconceito, a consciência de si, a refletividade, (ações e valores que a escola formal precisa entender e aplicar).

A fala da griô, nitidamente, expõe fatos da cultura do povo negro e persegue a luta pelo processo de superação do quadro histórico de desigualdades sociais e raciais e, com isso, acaba interferindo, decisivamente, no cumprimento de leis que a escola formal ainda tem dificuldade de viabilizar.

Existe o Estatuto Estadual da Igualdade Racial que obriga a inclusão da história e da cultura afro brasileiras nos currículos escolares dos Ensino Médio e Fundamental .

Se a legislação diz que é preciso desenvolver, elaborar e editar materiais didáticos e paradidáticos que subsidiem o ensino, a divulgação, o debate e as atividades afins sobre a

temática da história da cultura negra, afirmo que a griô dona Sirley não só faz cumprir a lei como, no decorrer do tempo, acrescentou como ferramenta pedagógica o teatro que liberta, encanta, socializa e permite que todos passem a conhecer laços de ancestralidade da África/Brasil e seus diferentes significados que hoje chamamos de cultura afro-brasileira.

Januário Garcia, fotógrafo e militante do Movimento Negro no Rio de Janeiro, diz que “Existe uma história do negro sem o Brasil, o que não existe é uma história do Brasil sem o negro”, e a mestre griô dona Sirley conta através do teatro alguns capítulos dessa história do Brasil, recortada no município de Pelotas/RS, de forma lúdica, enriquecedora e pedagógica.

6. REFERÊNCIAS

AMARO, Sirley. *Ação Griô*. Pelotas, nov. 2012. Entrevista concedida à Nailê Silva Machado.

_____. *Girafa da cerquinha*. Porto Alegre, nov. 2012. Apresentação Griô na Feira do Livro de Porto Alegre.

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

CARRION, Raul. *Estatuto Estadual da Igualdade Racial*. Assembleia Legislativa. 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCIA, Januario. *Existe uma história do negro sem o Brasil, o que não existe é uma história do Brasil sem o negro*. [Artigo Científico] disponível em: <http://cultura.to.gov.br/conteudo.php?id=42> . Acesso em: 01 mar.2013.

MACHADO, Rubinei. Pelotas, out.2012. Entrevista concedida à Nailê Silva Machado.

PACHECO, Lillian. *Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida*. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

_____. *Ação Griô Nacional 2009 a 2010*. *Revista do Ministério da Cultura*, Lençóis, 2009/2010.

ANEXOS